

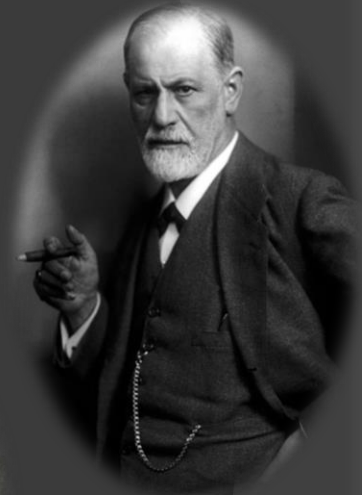
Freud como leitor de Shakespeare: *Hamlet* e o complexo de Édipo

Giovanna Bruno Menegasso (Nº USP: 10376304)

Universidade de São Paulo
Departamento de Letras Modernas
FLM0583 – 2021201: Shakespeare: Obra e Crítica
Prof. Dra. Maria Sílvia Betti
2022

As origens da Psicanálise e seus principais conceitos

- Sigmund Freud (1856 – 1939);
- Jean-Martin Charcot (1825 – 1893) e Josef Breuer (1842 – 1925);
- Histeria;
- Hipnose X cura através da palavra;
- Caso “Anna O.” (Bertha Pappenheim);
- Obra completa: 24 volumes;
- *A interpretação dos sonhos* (1900);
- *Conferências introdutórias à Psicanálise* (1916 - 1917);





- O inconsciente;
- Estrutura da mente humana: Teoria Topográfica (Primeira Tópica) e Modelo Estrutural (Segunda Tópica);
- Inconsciente, Pré-consciente e Consciente;
- ID, Ego e Superego;
- Desenvolvimento psicosssexual e a construção da personalidade – padrões e recorrências;
- 5 fases: oral, anal, fálica, latência, genital;
- Fase fálica (3 a 6 anos): Complexo de Édipo;
- “Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1992, p. 77);

Sugestões de documentários

“O jovem Dr. Freud”

<https://www.youtube.com/watch?v=KLaDMI7rz28>

“A invenção da Psicanálise”

<https://www.youtube.com/watch?v=7JabKzJZXZ0>

Freud e a Literatura

- “The poets and philosophers before me discovered the unconscious. What I discovered was the scientific method by which the unconscious can be studied”;
- Artigo de 1940, escrito por Philip R. Lehrman (1895 – 1958);
- Inegável interesse de Freud pela Literatura;
- Relação com Shakespeare (HOLLAND, 1960; GAY, 1998);
- Diversas abordagens e perspectivas de estudo;



- Interpretação freudiana de Shakespeare X Leitura shakespeariana de Freud;
- Dedução (geral para o particular) X Indução (particular para o geral);
- Caminhos diferentes/movimentos opostos = Visões excludentes?

LEITURA SHAKESPEARIANA DE FREUD

- Psicanálise assentada na obra de Shakespeare;
- Originalidade? (POLACCHINI, 2019 (Disponível em: <https://www.gepriopretoeregiao.com.br/textos/publicacao/shakespeare-inventor-da-psicanalise>);
- Harold Bloom (1930 – 2019);
- Freud como escritor e Psicanálise como literatura;
- O Caminhante Solitário (Rousseau) e o jovem Werther (Goethe);
- CORRÊA, C. P. **Por que Shakespeare? O Encontro de Freud com Shakespeare.** Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 27, p. 19-26, Ago. 2004.

- “Freud e Shakespeare: Rei Lear, por Christian Dunker” (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fwWsrI3QYlw&t=5s>);
- “Shakespeare, como diz o Harold Bloom, antecipa o Freud; ele cria esse tipo de subjetividade discursiva que é condição para que a gente tenha a psicanálise” (sic.) (19’04”);
- Personagens que se reinterpretem e, portanto, se reinventam (ao contrário dos personagens clássicos);

INTERPRETAÇÕES FREUDIANAS DAS OBRAS DE SHAKESPEARE

- SOLÉ, G. M. A method in their madness: a Psychoanalytic approach to Shakespeare’s construction of Evil. Undergraduate Thesis. Universitat de Lleida. 2020. (Disponível em: <https://repositori.udl.cat/bitstream/handle/10459.1/71438/Mas%20Sol%C3%A9%2C%20Guillem%20-%20TFG%20%27A%20Method%20in%20their%20Madness-%20A%20Psychoanalytic%20Approach%20to%20Shakespeare%27s%20Construction%20of%20Evil%27.pdf?sequence=1>);
- Capítulo 3: *Macbeth*;

A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca

- Composta entre 1599 e 1603;

Relembrando a história...

- Morte do rei;
- Casamento de Gertrudes e Cláudio;
- Espectro do falecido rei;
- Revelação do assassinato;
- Vingança;



Leituras psicanalíticas de *Hamlet*

- “O Fantasma em *Hamlet*” (Dr. Eugene J. Mahon);
- Disponível em: <https://www.pschoanalysis.today/pt-PT/PT-Articles/Mahon105110/The-ghost-in-Hamlet.aspx>;
- “De certa forma, o inconsciente é um fantasma de tudo que a repressão ocultou no submundo psicológico”;
- Conteúdos reprimidos – dificuldade para lidar com eles de modo consciente;
- MORRISON, T. **Beloved**. New York: Vintage Books, 2004, p. 5-6:
- [...] “My firstborn. All I can remember of her is how she loved the burned bottom of bread. Can you beat that? Eight children and that’s all I remember.”
“That’s all you let yourself remember,” Sethe had told her [...].

Hamlet e o Complexo de Édipo

- SOUZA, M. R. **A Psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de *Hamlet***. Psicologia USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 135-155, 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/4dLx5XrQMGDbym364byQs8j/?format=pdf&lang=pt>;
- CHIU, C. **Freud on Shakespeare: An Approach to Psychopathic Characters**. Chang Gung Journal of Humanities and Social Sciences, Taoyuan, v. 5, n. 1, p. 33-56, April 2012. Disponível em:
http://cgjhsc.cgu.edu.tw/data_files/5-1%2002.pdf;

O príncipe da Dinamarca no divã...

2.1 *Oedipus Rex and Hamlet*

In works of literature Freud discovers and confirms several clinical observations, the most perceptive being the Oedipus complex in Sophocles' *Oedipus Rex* and his analysis of Shakespeare's *Hamlet*. As Norman Holland points out, "it is almost as

(CHIU, 2012, p. 35)

However, Freud's first published discussion of *Hamlet* is in *The Interpretation of Dreams* (1900). Freud fully elaborates on the guilt feelings aroused in Hamlet by his incestuous desire for his mother and his wish to displace his father. He points out that in *Oedipus Rex* the wish is acted out while in *Hamlet* it is repressed. The play, as Freud

(CHIU, 2012, p. 36)

Freud revisits *Hamlet* in his essay “Psychopathic Characters on the Stage,” and cites the play as a classic example of dramatizing a psychopathological character. He attributes Shakespeare’s successful presentation to three reasons. (1) The hero is not psychopathic, but rather, *becomes* psychopathic in the course of the play. (2) The repressed impulse (Oedipus complex) is a conflict shared by all of us. (3) This impulse, struggling into consciousness, is never given a definite name. The spectators are carried

(CHIU, 2012, p. 37)

concealed that it was left for me to unearth it” (1905: 310). Indeed, the Oedipus complex is a strategic center of Freud’s thinking, which he links to *Hamlet* and credits it for the play’s popularity. It is noteworthy that time and again Freud took pride in

(CHIU, 2012, p. 37)

psychology. As Norman Holland rightly points out, Freud’s “most famous contribution to Shakespeare scholarship . . . was to point out Hamlet’s Oedipus complex.” On the other hand, *Hamlet* “seems almost to have helped Freud formulate the conception of Oedipus complex which turned out to be the cornerstone of orthodox psychoanalysis” (1960:165).

(CHIU, 2012, p. 37)

Com a desapareição da alma penada, Hamlet parte decidido a executar, imediatamente, a tarefa que lhe foi designada. Porém, é inexplicavelmente acometido de uma forte hesitação em seu impulso homicida, acompanhada por acessos de aparente delírio e grave melancolia¹⁰. É precisamente a referida hesitação de Hamlet em vingar o pai que fornece a Freud o mote para o estabelecimento de uma ponte original entre o conceito de complexo de Édipo e a tragédia pessoal vivida pelo personagem de Shakespeare. Conforme um trecho de “A Interpretação dos Sonhos”:

Hamlet é capaz de fazer qualquer coisa — salvo vingar-se do homem que eliminou seu pai e tomou o lugar deste junto a sua mãe, o homem que lhe mostra os desejos recalcados de sua própria infância realizados. Desse modo, o ódio que deveria impeli-lo à vingança é nele substituído por auto-recriminações, por escrúpulos de consciência que o fazem lembrar que ele próprio, literalmente, não é melhor do que o pecador a quem deve punir. (Freud, 1900/1996, p. 281)

Assim, vemos que, na perspectiva freudiana, a razão última da loucura e hesitação de Hamlet detém uma natureza inconsciente e relativa ao teor sexual, parricida e conflitante do complexo infantil do próprio príncipe, reatualizado a partir da morte de seu pai. Afinal, este evento teria aberto caminho para a viabilização do desejo incestuoso que, como vimos, constitui-se em uma das peças estruturantes da teoria edipiana.

10 Tal atitude (ou falta de) é recorrente ao longo da peça, quer seja na forma de monólogos em que Hamlet se queixa quanto à sua aparente e miserável covardia, quer seja em uma cena posterior em que, tendo diante de si o rei Cláudio prostrado em oração, Hamlet mais uma vez hesita em matá-lo, alegando para tanto o caráter sagrado da atitude do patife.

Neste mesmo sentido, acompanhando Freud (1900/1996), podemos inferir que se torne difícil para Hamlet executar a ordem homicida do fantasma, por uma identificação inconsciente com Cláudio. Isso porque este último, a despeito das suas qualidades de assassino e usurpador do trono da Dinamarca, também representa o homem que conseguiu viabilizar o duplo desejo infantil e edipiano do próprio príncipe, ao afastar de seu caminho um rival monopolizador e, ainda, tomar para si a sua mulher.

(SOUZA, 2006, p. 148)

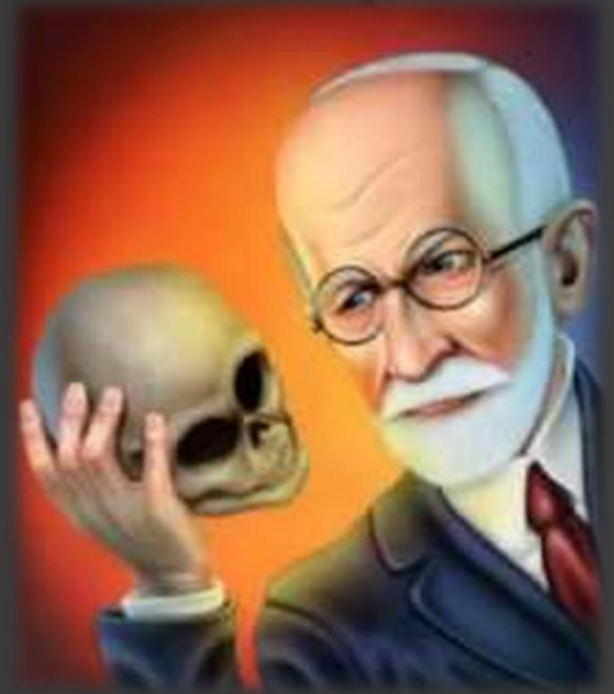
Intimamente associado ao tema da identificação, devemos ainda considerar um outro aspecto do complexo edipiano que parece corroborar com a hipótese de Freud acerca da etiologia do conflito de Hamlet. Trata-se da possibilidade de o príncipe já haver vivenciado o seu Édipo infantil e dele ter saído de uma maneira presumivelmente natural por meio da introjeção da figura e da lei paternas (ou seja, da identificação com elas). Diante disso, vale a pena recordarmos que Cláudio não deixa de ser o marido da rainha, lugar este extremamente rico em seu simbolismo, o que complicaria ainda mais a tarefa de Hamlet de executar o pedido de um pai, no sentido de tirar a vida de uma outra figura, também paterna.

(SOUZA, 2006, p. 148)

- Dilema: atender ao pedido do espectro e vingar a morte do pai?
- Motivo da hesitação;
- Casamento entre o tio e a mãe deixa claro que seu pai não era insubstituível;
- Concretização do desejo reprimido;
- Nova figura paterna;

Antes de encerrarmos, cabe ainda uma observação: é bem verdade que, no último ato, Hamlet efetivamente vinga seu pai ao trespassar o tio com uma espada. Todavia, talvez seja de alguma relevância salientar que isso somente ocorre quando a rainha Gertrudes já se encontrava morta. Em decorrência, podemos inferir o fim da ambigüidade inconsciente do príncipe em relação à figura de Cláudio, agora não mais um misto de rival a ser odiado e exemplo a ser seguido. É neste contexto que, ao término da peça, a hesitação cede lugar à vingança.

(SOUZA, 2006, p. 151)



- “Freud leitor de Shakespeare” (FINAMORE, 2016). Disponível em: <https://icfcaderno.wordpress.com/2016/06/29/debora-finamore/>;
- “Desvendamento do sujeito” (SOUZA, 2006, p. 152);
- “[...] entendimento daquilo que torna o homem verdadeiramente humano” (CORRÊA, 2004, p. 24);

Referências

- BOCK, A. M.; et al. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 4, pp. 13-363). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Trabalho original publicado em 1900).
- GAY, P. **Freud: A Life for Our Time**. New York: Norton, 1998.
- HOLLAND, N. “**Freud on Shakespeare**” PMLA, 75(3), 163-173, 1960.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SCHULTZ, D. P.; SHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cultrix, 2004.